

Hermenêutica segundo Paul Ricoeur¹

Hermeneutics according to Paul Ricoeur

Francisco de Aquino Júnior

<http://orcid.org/0000-0001-8142-3280> - E-mail: axejun@yahoo.com.br

RESUMO

Paul Ricoeur é um dos filósofos mais importante do século XX e um dos principais representantes da hermenêutica contemporânea. Seu diálogo crítico-criativo com a história da hermenêutica oferece um acesso histórico-sistemático privilegiado ao debate acerca do estatuto teórico da hermenêutica: Não apenas retoma as teses de seus representantes mais importantes (abordagem histórica), mas, ao se enfrentar criticamente com suas aporias, alarga seus horizontes e inaugura uma nova fase na história da hermenêutica (abordagem sistemática). Esse trabalho apresenta em grandes linhas a leitura que Ricoeur faz da história da hermenêutica e sua contribuição nesse debate, procurando estabelecer, a partir daí, o *status quaestionis* do debate sobre hermenêutica.

Palavras-chave: Ricoeur. Hermenêutica. Estatuto teórico. *Status quaestionis*.

ABSTRACT

Paul Ricoeur is one of the most important philosophers of the 20th century and one of the main representatives of modern hermeneutics. His critical-creative dialogue with the history of hermeneutics offers privileged historical-systematic access to the debate about the theoretical status of hermeneutics: Not only resumes the thesis of its most important representatives (historical approach), but, when facing critically with its *aporias*, it broadens its horizons and inaugurates a new phase in the history of hermeneutics (systematic approach). This work presents in broad lines the reading Ricoeur makes of the history of hermeneutics and its

¹ Este trabalho é parte da pesquisa do estágio pós-doutoral em teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) sobre a relação teologia-hermenêutica sob a supervisão do prof. Nilo Ribeiro.

contribution to this debate, seeking to establish, from there, the *status quaestionis* of the debate on hermeneutics.

Keywords: Ricoeur. Hermeneutics. Theoretical statute. Status quaestionis.

Introdução

Sem dúvida nenhuma, a hermenêutica é um dos movimentos filosóficos mais importantes, mais fecundos e mais criativos do século XX (GRONDIN, 2012; SCHMIDT, 2012) e Paul Ricoeur é um dos nomes mais representativos desse movimento (RICOEUR, 2009; DOSSE, 2017; GRONDIN, 2015; PELLAUER, 2009; JERVOLINO, 2011). Ele estabelece um diálogo crítico-criativo com a história da hermenêutica, enfrentando suas aporias e alargando seus horizontes e, assim, oferece um acesso histórico-sistemático privilegiado ao movimento hermenêutico.

Sua posição acerca do estatuto teórico da hermenêutica foi se desenvolvendo e se definindo no contexto de seu debate crítico-criativo com a história da hermenêutica e com as correntes e os autores com os quais foi se confrontando em sua atividade filosófica. Para ele, a história da hermenêutica é a história de um “problema não resolvido” ou de uma “aporia”. E sua contribuição consistiria na superação desse “problema” ou dessa “aporia”, conduzindo “a reflexão hermenêutica até o ponto em que ela recorra, por uma aporia interna, a uma reorientação importante” (RICOEUR, 2011a, p. 23), o que significaria uma nova fase da história da hermenêutica. Convém, por isso, retomarmos, em grandes linhas e de modo sistemático, o núcleo desse “problema” ou dessa “aporia” e apresentarmos a “revisão” ou “reorientação” que ele faz da hermenêutica a partir da solução que oferece para a superação dessa aporia. Só assim poderemos nos aventurar a esboçar a partir de Ricoeur o *status quaestionis* do debate sobre o estatuto teórico da hermenêutica.

A história da hermenêutica como história de uma aporia

Não vamos fazer aqui uma apresentação ampla e detalhada da descrição que Ricoeur faz do “estado do problema hermenêutico”. Vamos simplesmente destacar os termos em que esse problema é compreendido e formulado por ele e mostrar sua ampliação e permanência na história da hermenêutica de Schleiermacher a Gadamer.

Ricoeur fala da história da hermenêutica como a história de um “problema não resolvido” ou de uma “aporia” que formula, a partir de Dilthey, em termos de uma “alternativa [...] desastrosa, entre explicar e compreender” (RICOEUR, 2011a, p. 23) e, a partir de Gadamer, em termos de “antinomia” ou de “oposição entre distanciamento alienante e pertença” (RICOEUR, 2011b, p. 51). No fundo, está em jogo aqui o aspecto crítico ou epistemológico da hermenêutica. Uma questão ao mesmo tempo ineludível e insolúvel na história da hermenêutica, a ponto dessa história poder ser tomada em seu conjunto como a história de um “problema não resolvido” ou de uma “aporia”.

Em seu esforço para “extrair um problema geral da atividade de interpretação” (RICOEUR, 2011a, p. 26), *Schleiermacher*, marcado tanto pela filosofia crítica quanto pela filosofia romântica (RICOEUR, 2011a, p. 27), confrontou-se com o problema da “relação entre duas formas de interpretação” que marcam definitivamente sua obra e cuja significação “não cessa de deslocar-se no decurso dos anos”. Trata-se da “interpretação gramatical” (centrada nos “caracteres do discurso que são comuns a uma cultura”) e da “interpretação técnica” ou “psicológica” (dirigida “à singularidade, até mesmo à genialidade, da mensagem do escritor”). Se inicialmente essas duas

interpretações possuíam “direitos iguais” em sua reflexão, em seus últimos escritos, “a segunda interpretação ganha um primado sobre a primeira e o caráter *advinhatório* da interpretação enfatiza seu caráter psicológico” (RICOEUR, 2011a, p. 28). Mas, na medida em que “a interpretação psicológica” não se limita a uma “afinidade com o autor”, implicando “motivos críticos na atividade da compreensão” (comparação ou contraste), “complica-se, assim, a dificuldade de se demarcar as duas hermenêuticas pela superposição, ao primeiro par de opostos, o *gramatical* e o *técnico*, de um segundo par de opostos, a *adivinhação* e a *comparação*” (RICOEUR, 2011a, p. 28s). Esse “extremo embaraço” teórico constitui-se como “primeiro esboço” da “aporia” (RICOEUR, 2011a, p. 29) que o fundador da hermenêutica moderna “legou à sua descendência nas notas de hermenêutica que jamais conseguiu transformar em obra acabada” (RICOEUR, 2011a, p. 27). E isso, diz Ricoeur, só será superado “se elucidarmos a relação da obra com a subjetividade do autor e se, na interpretação, deslocarmos a ênfase da busca patética das subjetividades subterrâneas em direção ao sentido e à referência da própria obra” (RICOEUR, 2011a, p. 29).

Dilthey, marcado pelo “historicismo” e pelo “positivismo enquanto filosofia” (RICOEUR, 2011a, p. 29s), “tentou dotar as ciências do espírito de uma metodologia e de uma epistemologia tão respeitáveis quanto as das ciências da natureza” (RICOEUR, 2011a, p. 31). Nesse esforço, estabelece uma “grande oposição” entre “*explicação da natureza*” e “*compreensão da história*”. E essa oposição que atravessa toda sua obra tem enormes consequências para a hermenêutica que “se vê, assim, cortada de toda explicação naturalista e relegada do lado da intuição psicológica” (RICOEUR, 2011a, p. 31). A diferença entre “coisa natural” e “espírito” comanda “a diferença de estatuto entre explicar e compreender”. É do “lado da psicologia” que ele procura o “traço distintivo do compreender”. É verdade que, embora pressupondo a capacidade primordial de “se transpor para a vida psíquica de outrem” (RICOEUR, 2011a, p. 31), a ciência do espírito só é possível porque a vida “se fixa em conjuntos estruturados susceptíveis de serem compreendidos por outrem” (RICOEUR, 2011a, p. 32). A hermenêutica aparece aqui como esforço de “compreensão das expressões da vida fixadas pela escrita” ou por “qualquer outro procedimento de inscrição equivalente à escrita” e, neste sentido, aparece como “a camada objetivada da compreensão, graças às estruturas essenciais do texto” (RICOEUR, 2011a, p. 33). Mas, na medida em que o problema fundamental da hermenêutica continua sendo o “conhecimento de outrem” (RICOEUR, 2011a, p. 32), ainda que mediado pelas “expressões da vida fixadas na escrita” (RICOEUR, 2011a, p. 33), a hermenêutica aparece como uma ciência “fundada na psicologia” (RICOEUR, 2011a, p. 33) e, assim, condenada a “procurar fora do campo próprio da interpretação a fonte de toda objetivação” (RICOEUR, 2011a, p. 34). Desta forma, a obra de Dilthey “elucida ainda mais a aporia central de uma hermenêutica que situa a compreensão do texto sob a lei da compreensão de outrem que nele se exprime” (RICOEUR, 2011a, p. 35). E a solução dessa “aporia”, continua insistindo Ricoeur, só será possível na medida em que se “renuncie a vincular o destino da hermenêutica à noção puramente psicológica de transferência numa vida psíquica estranha” e na medida em que se “desvende o texto não mais em direção a seu autor, mas em direção ao seu sentido imanente e a esse tipo de mundo que ele abre e descobre” (RICOEUR, 2011a, p. 36).

Heidegger, por sua vez, rompe com o enfoque epistemológico da hermenêutica tal como vinha sendo desenvolvido por Schleiermacher e Dilthey e tenta “cavar por debaixo do próprio empreendimento epistemológico, a fim de elucidar suas condições propriamente ontológicas” (RICOEUR, 2011a, p. 37). Com isso, provoca uma dupla “reviravolta” na problemática hermenêutica. Por um lado, ela já não aparece como uma “reflexão sobre as ciências do espírito”, mas como uma “explicitação do solo ontológico sobre o qual essas ciências podem edificar-se” (RICOEUR, 2011a, p. 38). Por outro lado, a interpretação já não está mais ligada ao “problema de

outrem”, mas ao problema da “relação do ser com o mundo” (RICOEUR, 2011a, p. 39). E, assim, desloca o foco da “epistemologia à ontologia” (RICOEUR, 2011a, p. 36) e “despsicologiza” a compreensão (RICOEUR, 2011a, p. 39). Nesse contexto, o “círculo hermenêutico” já não diz respeito diretamente à relação entre “sujeito e objeto”, mas à relação entre “compreensão” (epistemológica) e “pré-compreensão” (ontológica) (RICOEUR, 2011a, p. 41). A própria “linguagem” aparece em *Sein und Zeit* como uma “articulação segunda” (RICOEUR, 2011a, p. 42) em relação às “estruturas ontológicas que a precedem” (RICOEUR, 2011a, p. 43). E, mesmo na segunda fase de seu pensamento que “parte diretamente do poder de manifestação da linguagem”, distingue o “dizer” (*redem*) que se refere à “constituição existencial” e o “falar” (*sprechen*) que diz respeito ao “aspecto mundano da linguagem”, explicitando a “relação fundamental da palavra com a abertura ao mundo e ao outro” (RICOEUR, 2011a, p. 43). Mas, com isso, não eliminamos a aporia diltheyniana entre “compreender” e “explicar”. Ela “foi simplesmente deslocada e, assim, agravada: não se encontra mais *na* epistemologia [...], mas situa-se *entre* a ontologia e a epistemologia”. Com Heidegger, “não cessamos de praticar o movimento de volta aos fundamentos, mas tornamo-nos incapazes de proceder ao movimento de retorno que, da ontologia fundamental, conduziria à questão propriamente epistemológica do estatuto das ciências do espírito”. E, para Ricoeur, a questão que permanece aqui é “como tomar consciência de uma questão crítica em geral, no contexto de uma hermenêutica fundamental” (RICOEUR, 2011a, p. 44).

Já o “problema central” de *Gadamer*, como bem indica o título de sua obra *Verdade e Método*, é a “aporia” entre epistemologia e ontologia. Ele se propõe “reavivar o debate das ciências do espírito a partir da ontologia heideggeriana”. Toda a obra está organizada a partir do “escândalo” provocado pelo “distanciamento alienante” que constitui a “pressuposição ontológica” das ciências do espírito (RICOEUR, 2011a, p. 45). A “metodologia dessas ciências” implica “certo distanciamento” que, por sua vez, “exprime a destruição da relação primordial de pertença, sem a qual não haveria relação com o histórico enquanto tal” (RICOEUR, 2011a, p. 45s). E Gadamer se enfrenta com esse debate entre “distanciamento alienante e experiência de pertença” nas “três esferas” em que reparte a “experiência hermenêutica”: “estética”, “histórica” e “linguagem”. Em todas elas está presente uma “única e mesma tese”: a “experiência de pertença” precede e possibilita o “distanciamento alienante”. Nesse sentido, sua filosofia não apenas exprime a “síntese dos dois movimentos” que determinam a história da hermenêutica, mas vai além Heidegger, na medida em que assinala o “esboço do movimento de retorno da ontologia em direção aos problemas epistemológicos”. O título mesmo da obra já indica o confronto entre o “conceito heideggeriano de verdade” e o “conceito diltheyniano de método”. A questão é até que ponto ela merece denominar-se “*Verdade e Método*” ou se não seria preferível intitulá-la “*Verdade ou Método*” (RICOEUR, 2011a, p. 46). É que sua compreensão da “pertença” parece dificultar ou até impedir assumir um momento de “distanciamento” no interior mesmo da “pertença”. O problema aqui é “como é possível introduzir qualquer instância crítica numa consciência de pertença expressamente definida pela recusa do distanciamento” (RICOEUR, 2011a, p. 48). E ele vai encontrar nos conceitos gadamerianos de “história dos efeitos”, “fusão de horizontes” e “linguagem” uma “série de sugestões decisivas” que lhe permitirão assumir o “distanciamento” no interior da “experiência de pertença” e serão o “ponto de partida” de sua reflexão que vai encontrar na noção de “texto” o paradigma de toda interpretação (RICOEUR, 2011a, p. 49-50).

Em síntese, para Ricoeur, a “aporia” fundamental que caracteriza toda a história da hermenêutica moderna, de Schleiermacher a Gadamer, é o problema, ineludível, mas nunca resolvido, da relação compreensão-explicação e/ou pertença-distanciamento. No fundo, conforme indicamos acima, está em jogo aqui o aspecto crítico ou epistemológico da hermenêutica. E Ricoeur volta a esse problema em várias ocasiões num diálogo crítico-criativo ou numa “relação de

conflitividade produtiva” (RICOEUR, 2009, p. 11) com diversos autores e correntes de pensamento: seja mostrando a permanência e inevitabilidade desse problema na história da hermenêutica; seja tentando resolvê-lo através da noção de “texto” como paradigma de toda interpretação (RICOEUR, 1988; 1999; 2010a; 2011d; 2013). E é precisamente no enfrentamento e na solução desse problema que ele vai desenvolver seu aporte no debate sobre o estatuto teórico da hermenêutica, provocando uma “revisão” e uma “reorientação” da problemática hermenêutica. É o tema do próximo ponto.

Solução da aporia central da hermenêutica

Depois de descrever em grandes linhas o “estado do problema hermenêutico”, tal como o percebe na história da hermenêutica, Ricoeur passa a elaborar, sob esse “pano de fundo” e em diálogo crítico-criativo com ele e com as “ciências do texto”, sua própria posição e/ou contribuição sobre o problema hermenêutico. Essa posição e/ou contribuição, que aparece em vários escritos e é desenvolvida em diferentes contextos e sob diferentes perspectivas, é apresentada de modo bastante sistemático e didático no texto intitulado *A função hermenêutica do distanciamento* (RICOEUR, 2011b, p. 51-69). Ela consiste precisamente na “recusa” e na “tentativa” de superação da “oposição” entre “explicação e compreensão” (Dilthey) ou entre “distanciamento e pertença” (Gadamer) que constitui a “aporia” fundamental da história da hermenêutica (RICOEUR, 2011b, p. 51). Trata-se, para ele, de uma oposição “desastrosa” (RICOEUR, 2011a, p. 2) e “insustentável”, cuja solução vai encontrar em e a partir da “problemática do texto”, que “parece escapar, por natureza à alternativa entre distanciamento alienante e participação por pertença” (RICOEUR, 2011b, p. 51). Ela permite reintroduzir uma “função positiva e produtora do distanciamento no cerne da historicidade da experiência humana”. Por essa razão, o “texto” é, para Ricoeur, “muito mais que um caso particular de comunicação inter-humana: é o paradigma do distanciamento na comunicação” (RICOEUR, 2011b, p. 52). Ele “revela um caráter fundamental da própria historicidade da experiência humana” que é ser uma “comunicação na e pela distância” (RICOEUR, 2011b, p. 52).

A apresentação dessa “problemática do texto” será desenvolvida por ele em cinco pontos ou traços que constituem os “critérios da textualidade” (RICOEUR, 2011b, p. 52).

“A efetuação da linguagem como discurso”

O traço mais “primitivo” do “distanciamento”, que atingirá seu ápice no “texto” e encontrará nele seu modelo ou paradigma, é o que aparece na “efetuação da linguagem como discurso” e pode ser caracterizado em termos de “dialética do evento e do significado” (RICOEUR, 2011b, p. 53). Noutras palavras, o “distanciamento” produzido pelo “texto” pressupõe e está fundado no “distanciamento” produzido pelo “discurso”.

A percepção e explicitação desse “distanciamento” fundamental produzido pelo “discurso” se dá num diálogo intenso com as ciências da linguagem. A distinção entre “língua” e “fala” (Ferdinand de Saussure), “esquema” e “uso” (Louis Hjelmslev), “língua” e “discurso” (Émile Benveniste) alargou os horizontes das ciências da linguagem e possibilitou a “passagem de uma linguística da língua ou do código a uma linguística do discurso ou da mensagem” (RICOEUR, 2011b, p. 53) que, por sua vez, permite apreender e explicitar a estrutura fundamental do discurso e o distanciamento que ele produz.

Todo “discurso” se efetiva como “dialética do evento e da significação” (RICOEUR, 2011b, p. 53). Essa “dialética” constitui sua estrutura fundamental. Enquanto *evento*, ele é “realizado temporalmente e no presente”, “remete a seu locutor”, “refere-se a um mundo que pretende descrever, exprimir ou representar” e tem “um interlocutor ao qual se dirige” (RICOEUR, 2011b, p. 54s). Enquanto *significação*, ele tem uma “intencionalidade” ou um “noema” (RICOEUR, 2011b, p. 55), cuja identificação e explicitação são desenvolvidas a partir de Austin e Searle e sua “teoria dos atos de fala” através dos vários níveis do discurso: “ato locucionário” (o *dizer* algo), “ato ilocucionário” (o que fazemos *ao dizer* algo) e “ato perlocucionário” (o que fazemos *pelo fato* de dizer algo). Através desses atos, a “intencionalidade” do discurso se “exterioriza” e pode ser “identificada e reidentificada”. É através dessa “exteriorização intencional” do *dizer* no *dito* que “o evento se ultrapassa na significação” (RICOEUR, 2011b, p. 56) e “torna possível a inscrição pela escrita” (RICOEUR, 2011b, p. 57). Noutras palavras: Essa “exteriorização intencional” do “discurso” na “significação” é o que torna possível a “exteriorização do discurso na obra e nos escritos” (RICOEUR, 2011b, p. 58).

Essa “dialética do evento e do sentido” constitui o “núcleo de todo problema hermenêutico”. Mas, “se todo discurso é efetuado como evento, todo discurso é compreendido como significação” (RICOEUR, 2011b, p. 55). De fato, “o que pretendemos compreender não é o evento, [...] que é fugidio, mas sua significação que permanece” (RICOEUR, 2011b, p. 55).

“O discurso como obra”

Se a primeira forma de “distanciamento”, como vimos, é a que se dá na “exteriorização intencional” do “dizer no dito” (RICOEUR, 2011b, p. 55), uma segunda forma de “distanciamento” acontece quando o “discurso” se constitui como “obra” (RICOEUR, 2011b, p. 58). Falar do “discurso como obra”, utilizando “categorias da produção e do trabalho”, é “considerar a linguagem como um material a ser trabalhado e a ser formado” e tratar o “discurso” como “objeto de uma *práxis* e de uma *techné*”. E, neste sentido, “não há oposição radical entre o trabalho do espírito e o trabalho manual” (RICOEUR, 2011b, p. 58).

Ricoeur identifica e propõe “três traços distintivos da noção de obra”. Antes de tudo, “uma obra é uma sequência mais longa que a da frase e que suscita um problema novo de compreensão relativo à totalidade finita e fechada constituída pela obra enquanto tal” (composição). Em segundo lugar, ela é “submetida a uma forma de codificação que se aplica à própria composição e faz com que o discurso seja um relato, um poema, um ensaio etc.” (gênero literário). Por fim, “uma obra recebe uma configuração única que a assimila a um indivíduo” (estilo individual) (RICOEUR, 2011b, p. 58).

Esses “três traços distintivos da noção de obra” caracterizam o “discurso como obra”. Ele impõe uma “forma” à matéria, submete a produção a “gêneros literários” e produz um “indivíduo” (RICOEUR, 2011b, p. 58). Deste modo, uma “obra literária” aparece como “resultado de um trabalho que organiza a linguagem” e, aqui, a “noção de significação” recebe uma “especificação nova”, na medida em que é “transferida para a escala da obra individual”. E na medida em que a “significação” se constitui como “obra”, o problema da interpretação aparece como problema da “interpretação das obras” (RICOEUR, 2011b, p. 59).

Neste contexto, os “traços do discurso”, indicados no item anterior, adquirem novas determinações. “A noção de obra aparece como uma mediação prática entre a irracionalidade do evento e a racionalidade do sentido” (RICOEUR, 2011b, p. 59). Ela “acumula os dois caracteres do evento e do sentido”, na medida em que “surge temporalmente como um indivíduo único” e na

medida em que “sua inscrição no material da linguagem confere-lhe a aparência de uma ideia sensível, de um universal concreto” (RICOEUR, 2011b, p. 60). O “autor” aparece como “artesão em obra de linguagem”. E, o que é mais importante, o “caráter estrutural de composição” que caracteriza o “discurso como obra” permite “estender ao próprio discurso os métodos estruturais”, questionando radicalmente a oposição diltheyniana entre “explicar” e “compreender” e abrindo “uma nova época da hermenêutica” (RICOEUR, 2011b, p. 61).

Doravante, diz Ricoeur, “a explicação é o caminho obrigatório da compreensão”. Certamente, a “explicação” não elimina a “compreensão” e “a hermenêutica permanece a arte de discernir o discurso na obra”. Mas o discurso “se verifica nas estruturas da obra e por elas” (RICOEUR, 2011b, p. 61) e, por essa razão, a “interpretação” se constitui como “a réplica desse distanciamento fundamental constituído pela objetivação do homem em suas obras de discurso” (RICOEUR, 2011b, p. 61s).

“A relação entre a fala e a escrita”

A passagem da “fala” à “escrita” confere uma nova determinação e um novo status ao “discurso”. A “escrita” introduz e implica muito mais que um “fator puramente material e exterior” no discurso. Ela não pode ser reduzida à “fixação, que coloca o evento do discurso ao abrigo da destruição”. Na verdade, diz Ricoeur, “a fixação não passa da aparência externa de um problema singularmente mais importante concernindo a todas as propriedades do discurso” (RICOEUR, 2011b, p. 62). Para além de um processo de mera “fixação” material do discurso, a “escrita” produz um processo de radical autonomização do texto em relação a seu “autor”, em relação às “condições psicossociológicas” de sua produção e em relação a seus destinatários.

Antes de tudo, “a escrita torna o texto autônomo relativamente a seu autor”, de modo que “o que o texto significa não coincide mais com aquilo que o autor quis dizer” (RICOEUR, 2011b, p. 62). Essa não identificação entre “significação verbal” ou “textual” e “significação mental” ou “psicológica” confere uma “significação positiva” ao “distanciamento” que Gadamer tratava como mera “degradação” e possibilita a emergência do que ele chama “a ‘coisa’ do texto” em relação ao “horizonte intencional finito de seu autor”. Noutras palavras: “Graças à escrita, o ‘mundo’ do texto pode fazer explodir o mundo do autor” (RICOEUR, 2011b, p. 62).

O que vale da relação do texto com seu “autor”, vale da relação do texto com as “condições psicossociológicas” de sua produção. É essencial a uma “obra” qualquer que ela “transcenda suas próprias condições psicossociológicas de produção e que se abra, assim, a uma sequência ilimitada de leituras, elas mesmas situadas em contextos socioculturais diferentes”. Noutras palavras: “O texto deve poder [...] descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação” (RICOEUR, 2011b, p. 62).

Por fim, essa autonomia em relação ao “autor” e em relação às “condições psicossociológicas” de produção “possui seu equivalente por parte daquele que recebe o texto” (RICOEUR, 2011b, p. 62), isto é, de seu destinatário. Diferentemente da “situação dialogal”, diz Ricoeur, “o discurso escrito suscita para si um público que, virtualmente, se estende a todo aquele que sabe ler”, o que significa uma “libertação da coisa escrita relativamente à condição dialogal do discurso”. E, aqui, “a relação entre escrever e ler não é mais um caso particular da relação entre falar e ouvir” (RICOEUR, 2011b, p. 63).

A consequência hermenêutica fundamental de tudo isso é que o “distanciamento” não aparece mais como um “produto da metodologia” e, desta forma, como “algo de acrescentado e de parasitário”, mas como “constitutivo do fenômeno do texto como escrita” e, assim, como “condição da interpretação”. Ele “não é somente aquilo que a compreensão deve vencer, mas

também aquilo que a condiciona". Com isso, diz Ricoeur, "estamos em condições de descobrir, entre *objetivação* e *interpretação*, uma relação muito menos dicotômica e, por conseguinte, muito mais complementar que a que havia sido instituída pela tradição romântica" (RICOEUR, 2011b, p. 63).

"O mundo do texto"

Uma primeira forma de "distanciamento" é a que se dá na "exteriorização intencional" do "dizer no dito" (linguagem como discurso). Uma segunda forma de "distanciamento" se dá quando o "discurso" se constitui como "obra" (discurso como obra). Mas há uma terceira forma de "distanciamento" que diz respeito a um aspecto fundamental do "discurso como obra" que é seu aspecto referencial (mundo do texto). No enfrentamento desse problema, Ricoeur se afasta tanto do "romantismo" com sua perspectiva "psicologizante" (apreender a alma do autor), quando do "estruturalismo" com sua perspectiva reducionista (reconstituir a estrutura da obra). Escapa à "alternativa da genialidade ou da estrutura" através da "noção do 'mundo do texto'" (RICOEUR, 2011b, p. 63s).

Essa noção de "mundo do texto" prolonga a noção de "referência ou denotação do discurso", indicada anteriormente. Recorrendo a Gottlob Frege, Ricoeur distingue em toda proposição um "sentido" ("objeto real que visa", "puramente imanente ao discurso") e uma "referência" ("valor de verdade", "pretensão de atingir a realidade"). Isso permite distinguir e opor "língua" e "discurso". Enquanto na *língua* "as palavras [se remetem apenas] a outras palavras na ronda infundável do dicionário", o *discurso* "visa às coisas, aplica-se à realidade, exprime o mundo" (RICOEUR, 2011b, p. 64). O discurso tem um caráter referencial fundamental: refere-se ou remete sempre a algo.

A questão aqui é saber "o que ocorre com a referência quando o discurso se torna texto". No *discurso oral*, o problema se resolve na "função ostensiva do discurso", isto é, no seu "poder de mostrar uma realidade comum aos interlocutores" ou, em todo caso, ao menos "situá-la relativamente à única rede espaçotemporal à qual também pertencem os interlocutores" (RICOEUR, 2011b, p. 64). Mas a situação muda radicalmente com a *escrita*, uma vez que aqui já não há "situação comum ao escritor e ao leitor" e que "as condições concretas do ato de mostrar não existem mais". Sem dúvida, diz Ricoeur, "é essa abolição do caráter mostrativo ou ostensivo da referência que torna possível o fenômeno que denominamos 'literatura'" e que é levado às últimas consequências em certos gêneros literários como a "literatura de ficção" e a "poética", onde "toda referência à realidade dada pode ser abolida". No entanto, continua, "não há discurso de tal forma fictício que não vá ao encontro da realidade, embora em outro nível, mais fundamental que aquele que atinge o discurso descritivo, constataativo, didático, que chamamos linguagem ordinária". Sua tese fundamental aqui consiste na afirmação de que "a abolição de uma referência de primeiro nível [...] é a condição de possibilidade para que seja liberada uma referência de segundo nível" (RICOEUR, 2011b, p. 65).

Essa "referência de segundo nível", diz ele, "atinge o mundo, não mais somente no plano dos objetos manipuláveis, mas no plano que Husserl designava com a expressão *Lebenswelt* e Heidegger pela expressão ser-no-mundo" (RICOEUR, 2011b, p. 65). Da noção heideggeriana de compreensão (*Verstehen*), referente à "estrutura do ser-no-mundo", ao "ser em situação" como "projeção dos possíveis mais adequados", Ricoeur toma aqui a "ideia de 'projeção dos possíveis mais próximos' para aplica-la à teoria do texto". De modo que "o que deve ser interpretado, num texto, é uma *proposição de mundo*, de um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um dos meus possíveis mais próximos". É o que ele chama "mundo do texto" (RICOEUR, 2011b,

p. 66). E aqui está o “problema hermenêutico fundamental”: “Interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto” (RICOEUR, 2011b, p. 65).

O “mundo do texto” constitui, assim, uma “nova espécie de distanciamento”, introduzida pela “ficção” e pela “poética”, na qual “a realidade cotidiana se metamorfoseia em favor daquilo que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera sobre o real”. A “referência”, aqui, já não remete a um “ser-dado” (objetos no mundo), mas um “poder-ser” (mundo possível) (RICOEUR, 2011b, p. 66).

“Compreender-se diante do texto”

Uma “última dimensão da noção do texto” diz respeito à “subjetividade do leitor” que, por sua vez, prolonga o “caráter fundamental de todo discurso ser dirigido a alguém”. Mas se no *diálogo* esse “vis-a-vis” do discurso é dado pela própria “situação”, na *obra* ele é “criado, instaurado, instituído pela própria obra” que “se dá a seus leitores e cria, assim, para si, seu próprio vis-a-vis subjetivo” (RICOEUR, 2011b, p. 67).

Certamente, esse problema é bem conhecido na história da hermenêutica. “É o problema da apropriação (*Aneignung*) ou da aplicação (*Anwendung*) do texto à situação presente do leitor” (RICOEUR, 2011b, p. 67). Mas ele é profundamente transformado e adquire uma nova determinação no contexto da análise desenvolvida por Ricoeur.

Em primeiro lugar, “a apropriação está dialeticamente ligada ao distanciamento típico da escrita”. É graças a esse “distanciamento pela escrita” que a “apropriação” não tem mais “caracteres de afinidade afetiva com a intenção do autor”, mas, ao contrário “da contemporaneidade e da congenialidade”, efetiva-se como “compreensão pela distância, compreensão à distância” (RICOEUR, 2011b, p. 67).

Em segundo lugar, “a apropriação está dialeticamente ligada à objetivação típica da obra” e “passa por todas as objetivações estruturais do texto”. Já não responde ao “autor”, mas ao “sentido” (RICOEUR, 2011b, p. 67). Contrariamente “à tradição do *cógito* e à pretensão do sujeito de conhecer-se a si mesmo por intuição imediata”, só nos compreendemos pelo “grande atalho dos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura”. O que parece “mais contrário à subjetividade” é o que permite sua compreensão (RICOEUR, 2011b, p. 68).

Em terceiro lugar, a “apropriação” possui por *vis-a-vis* aquilo que Gadamer chama de “a coisa do texto” e que Ricoeur chama “o mundo da obra”. Aquilo de que o leitor se aproxima é uma “proposição de mundo”. E isso “não se encontra *atrás* do texto, como uma espécie de intenção oculta, mas *diante* dele, como aquilo que a obra desvenda, descobre, revela”. De modo que “compreender é *compreender-se diante do texto*”. E, aqui, o “sujeito” já não é a “chave da compreensão”, mas, ao contrário, “seria mais justo dizer que o *si* é constituído pela ‘coisa’ do texto” (RICOEUR, 2011b, p. 68).

Mas isso não é tudo. “Assim como o mundo do texto só é real na medida em que é fictício, da mesma forma devemos dizer que a subjetividade do leitor só advém a ela mesma na medida em que é colocada em suspenso, irrealizada, potencializada” (RICOEUR, 2011b, p. 68). A “ficção” é uma “dimensão fundamental” tanto do “texto” quanto da “subjetividade do leitor”. O leitor só se encontra a si mesmo perdendo-se e sendo introduzido pela leitura nas “variações imagináveis do *ego*”. E, assim, “a metamorfose do mundo, segundo o jogo, também é a metamorfose lúdica do *ego*” (RICOEUR, 2011b, p. 68).

Tudo isso exige uma “crítica interna” do conceito de “apropriação”, na medida em que “permanece dirigido contra a *Verfremdung*” e na medida em que “a metamorfose do *ego* [...] implica um momento de distanciamento até na relação de si a si” (RICOEUR, 2011b, p. 69). E,

aqui, a “compreensão” aparece “tanto como desapropriação quanto [como] apropriação” e, neste contexto, “uma crítica das ilusões do sujeito, à maneira marxista ou freudiana, não só pode, mas deve ser incorporada à compreensão de si” (RICOEUR, 2011b, p. 69). A consequência hermenêutica fundamental disso tudo é que “não podemos mais opor hermenêutica e crítica das ideologias”, uma vez que “a crítica das ideologias é o atalho que a compreensão de si deve necessariamente tomar, caso esta deixe-se formar pela coisa do texto e não pelos preconceitos do leitor” (RICOEUR, 2011b, p. 69). Com isso, Ricoeur transfere “para o cerne mesmo da compreensão de si a dialética da objetivação e da compreensão” que havia percebido e indicado “no nível do texto, de suas estruturas, de seu sentido e de sua referência” e mostra como “em todos os níveis da análise, o distanciamento é condição da compreensão” (RICOEUR, 2011b, p. 69).

Desta forma, Ricoeur parece resolver a “aporia” fundamental que caracteriza a história da hermenêutica moderna e que ele se propunha solucionar: a alternativa/oposição/dicotomia, que qualifica como “desastrosa” (RICOEUR, 2011a, p. 2), “danosa” (RICOEUR, 2011c, 148) e “insustentável” (RICOEUR, 2011b, p. 51), entre “compreensão e explicação”, “pertença e distanciamento”. Faz isso através da “noção do texto” (RICOEUR, 2011a, p. 23; 2011b, p. 52), conduzindo a reflexão hermenêutica “até o ponto em que ela recorra, por uma aporia interna, a uma reorientação importante” (RICOEUR, 2011a, p. 23) que permita articular coerentemente “compreensão e explicação”, “pertença e distanciamento”, mostrando como “a explicação é o caminho obrigatório da compreensão” (RICOEUR, 2011b, p. 61) e “o distanciamento é condição da compreensão” (RICOEUR, 2011b, p. 69). E com isso, diz Ricoeur, abra-se uma “nova época” (RICOEUR, 2011b, p. 61) na história da hermenêutica.

A modo de conclusão: *Status quaestionis* do debate sobre hermenêutica

Esta retomada histórico-sistemática do debate hermenêutico a partir de Paul Ricoeur nos permite identificar *três etapas* fundamentais na história da hermenêutica moderna e *dois pontos ou aspectos* que constituem o paradoxo fundamental do problema hermenêutico ou aquilo que Ricoeur denomina “arco hermenêutico”.

Como vimos na primeira parte do estudo, para Ricoeur, a história recente da hermenêutica está dominada por duas preocupações fundamentais: a passagem “das hermenêuticas regionais à hermenêutica geral” (Schleiermacher e Dilthey) e a passagem “da epistemologia à ontologia” (Heidegger e Gadamer). Essas duas preocupações caracterizam respectivamente as duas primeiras fases da história da hermenêutica. E, como vimos na segunda parte do estudo, é em diálogo crítico-criativo com essa história que Ricoeur vai desenvolver sua compreensão do problema hermenêutico e, com isso, abrir/inaugurar uma nova fase na história da hermenêutica. Essa nova fase está marcada ou dominada por uma preocupação fundamental que, em comparação e/ou oposição a Heidegger e a Gadamer, pode ser caracterizada, com expressões do próprio Ricoeur, como uma espécie de “retorno que, da ontologia fundamental, conduziria à questão propriamente epistemológica” (RICOEUR, 2011a, p. 44), isto é, um “movimento de retorno da ontologia em direção aos problemas epistemológicos” (RICOEUR, 2011a, p. 46). No fundo, está em jogo aqui a problemática de “uma questão crítica em geral, no contexto de uma hermenêutica fundamental” (RICOEUR, 2011a, p. 44) ou de uma “instância crítica numa consciência de pertença” (RICOEUR, 2011a, p. 48s). E, assim, podemos identificar a partir de Ricoeur três fases na história da hermenêutica moderna: uma *fase epistemológica* (Schleiermacher e Dilthey), uma *fase ontológica* (Heidegger e Gadamer) e uma *fase ontológico-epistemológica* (Ricoeur).

Toda essa história é marcada por uma tensão fundamental que constitui um verdadeiro paradoxo, cujos pontos ou aspectos ou dimensões podem ser formulados em termos de “epistemologia” e “ontologia” (RICOEUR, 2010b, p. 149) e cuja tensão aparece no debate hermenêutico em termos de “explicação-compreensão” (Dilthey) e/ou “distanciamento-pertença” (Gadamer). Segundo Ricoeur, o que estamos chamando tensão ou paradoxo do problema hermenêutico é formulado nas duas primeiras fases da história da hermenêutica de modo *dualista* (RICOEUR, 2010b, p. 149), isto é, como “alternativa”, “oposição” ou “dicotomia” que ele qualifica como “desastrosa” (RICOEUR, 2011a, p. 23), “danosa” (RICOEUR, 2011c, p. 148) e “insustentável” (RICOEUR, 2011b, p. 51) por se constituir como uma verdadeira “aporia” (RICOEUR, 2011a, p. 23). E seu aporte, que caracteriza a terceira fase da história da hermenêutica, consiste na formulação dessa tensão ou desse paradoxo de modo *dialético* (RICOEUR, 2010b, p. 150), isto é, numa “relação muito menos dicotômica e, por conseguinte, muito mais complementar que a que havia sido instituída pela tradição romântica” (RICOEUR, 2011b, p. 63) que, de alguma maneira, marca toda a história da hermenêutica de Schleiermacher a Gadamer. A posição de Ricoeur, como indica na introdução de seu estudo sobre *A função hermenêutica do distanciamento*, “procede de uma recusa dessa alternativa [explicação X compreensão, distanciamento X pertença] e de uma tentativa de ultrapassá-la” (RICOEUR, 2011b, p. 52) e, nesse sentido, marca uma “nova época” (RICOEUR, 2011b, p. 61) ou uma nova fase na história da hermenêutica.

Essa posição “dialética” ou “complementar” entre os dois pontos ou aspectos ou dimensões do problema hermenêutico foi desenvolvida a partir da “noção de texto”, num diálogo crítico-criativo com a história da hermenêutica e com as ciências do texto. A “noção de texto”, diz Ricoeur, “parece escapar, por natureza, à alternativa entre distanciamento alienante e participação por pertença” e, mesmo, reintroduzir “uma noção positiva e [...] produtora do distanciamento” (RICOEUR, 2011b, p. 51s), conduzindo a reflexão hermenêutica “até o ponto em que ela recorra, por uma aporia interna, a uma reorientação importante” (RICOEUR, 2011a, p. 23). Isso leva a uma compreensão e formulação do problema hermenêutico não mais em termos de *oposição dualista*, mas em termos de *complementariedade dialética* entre “explicação e compreensão” e/ou “distanciamento e pertença”. Doravante, “a explicação é o caminho obrigatório da compreensão” (RICOEUR, 2011b, p. 61) e “o distanciamento é condição da compreensão” (RICOEUR, 2011b, p. 69).

Convém advertir e insistir que a “noção de texto” de que fala Ricoeur não se restringe à escrita ou à obra literária. Por mais que a “teoria do texto” ofereça um “ponto de partida” privilegiado para uma “revisão radical do problema epistemológico”, na medida em que “a semiologia não nos permite dizer que os procedimentos explicativos são estranhos ao domínio do signo e importados do campo vizinho das ciências naturais”, ela não é mais que “um dos lugares onde se pode ilustrar o presente debate” (RICOEUR, 2010b, p. 151s, 156). O próprio Ricoeur mostra como esse problema aparece tanto na “teoria do texto”, como na “teoria da ação” e na “teoria da história” (RICOEUR, 2010b, p. 151-168; 2010c, p. 169-195; 2011d, 24-26; 2013). Muito mais que “um caso particular de comunicação inter-humana”, o “texto” é, para ele, o “paradigma do distanciamento na comunicação”, na medida em que é “testemunha da função positiva e produtora do distanciamento no cerne da historicidade da experiência humana” e, assim, revela “um caráter fundamental da própria historicidade da experiência humana” que consiste em ser uma “comunicação na e pela distância” (RICOEUR, 2011b, p. 52).

Toda essa reviravolta provocada pela “noção do texto” leva a uma compreensão da hermenêutica como “teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos” (RICOEUR, 2011b, p. 23). Ricoeur utiliza muitas vezes a expressão “arco hermenêutico” (RICOEUR, 2010b, p. 154; 2010c, 192; 2010d, p. 144, 147; 2011e, p. 24), no intuito de “inte-

grar as atitudes opostas da explicação e da compreensão [da distância e da pertença] numa concepção global da leitura como recuperação do sentido” (RICOEUR, 2010d, 144, 147). Seu intento, vale insistir, consiste em mostrar, a partir da “noção do texto”, como não há oposição, mas mútua implicação e complementaridade entre “explicação e compreensão” (RICOEUR, 2010b; 2010d) ou entre “distanciamento e pertença” (RICOEUR, 2011b).

Referências

- DOSSE, François. *Paul Ricoeur: os sentidos de uma vida (1913-2005)*. São Paulo: LiberArs, 2017.
- GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- GRONDIN, Jean. *Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 2015.
- JERVOLINO, Domenico. *Introdução à Ricoeur*. São Paulo: Paulus, 2011.
- PELLAUER, David. *Compreender Ricoeur*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*. Porto: RÉ S Editora, 1988.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Porto-Portugal: Porto Editora, 1999.
- RICOEUR, Paul. *A crítica e a convicção: conversas com François Azouvi e Marc de Launa*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- RICOEUR, Paul. *Del texto a la acción: ensayos de hermenéutica II*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010a.
- RICOEUR, Paul. “Explicar y comprender”. In: _____. *Del texto a la acción: Ensayos de hermenéutica II*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010b, p. 149-168.
- RICOEUR, Paul. “El modelo del texto: la acción significativa considerada como un texto”. In: *Del texto a la acción. Ensayos de hermenéutica II*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010c, p. 169-195.
- RICOEUR, Paul. “Que es un texto? In: _____. *Del texto a la acción. Ensayos de hermenéutica II*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010d, p. 127-147.
- RICOEUR, Paul. “A tarefa da hermenêutica”. In: _____. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2011a, p. 23-50.
- RICOEUR, Paul. “A função hermenêutica do distanciamento”. In: _____. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2011b, p. 51-69.
- RICOEUR, Paul. “Crítica das ideologias”. In: _____. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2011c, p. 107-158.
- RICOEUR, Paul. *Escritos e conferências 2: Hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2011d.
- RICOEUR, Paul. “Hermenêutica e simbolismo”. In: *Escritos e conferências 2*. São Paulo: Loyola, 2011e, p. 15-26.
- RICOEUR, Paul. *O Discurso da ação*. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2013.
- RICOEUR, Paul. “Hermenêutica e simbolismo”. In: _____. *Escritos e conferências 2. Op. cit.*, p. 15-26, aqui 24-26.
- SCHMIDT, Lawrence Karl. *Hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2012.

Sobre o autor

Francisco de Aquino Júnior

Doutor em Teologia pela Westfälische Wilhelms-Universität Münster – Alemanha. Professor da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).
E-mail: axejun@yahoo.com.br

Recebido em: 17/12/2019

Aprovado em: 20/03/2020